

A REVISTA AMAE EDUCANDO COMO IMPRENSA PEDAGÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO E FORMAÇÃO DOCENTE¹

AMAE EDUCANDO MAGAZINE AS A PEDAGOGICAL PRESS IN LITERACY AND TEACHER TRAINING

LA REVISTA AMAE EDUCANDO COMO PRENSA PEDAGÓGICA EN ALFABETIZACIÓN Y FORMACIÓN DOCENTE

Daniela Perri Bandeira²

Flávia Abrão de Castro Viana³

Luciano Andrade Ribeiro⁴

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar a atuação da Revista AMAE Educando, enquanto modelo de imprensa pedagógica voltado à formação de professoras e à disseminação de práticas educativas no contexto mineiro. Fruto de um recorte de pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), o estudo investiga como a publicação se consolidou como suporte pedagógico, repositório informacional e espaço de escuta para educadores da educação básica. São utilizados como fontes documentos históricos, entrevistas com participantes do projeto editorial e referências da historiografia da educação e da imprensa pedagógica. A análise da revista permite compreender seu papel estratégico na mediação entre políticas públicas e práticas docentes. Além disso, destaca-se sua contribuição para o fortalecimento da identidade profissional das professoras mineiras.

Palavras-chave: Revista AMAE Educando; imprensa pedagógica; formação docente; alfabetização.

ABSTRACT

This article aims to present the performance of AMAE Educando Magazine, as a model of pedagogical press focused on teachers training and dissemination of educational practices in the context of Minas Gerais. As a result of a research scope developed under the Institutional Program of Scientific Initiation Scholarships (PIBIC), the study investigates how the magazine has been consolidated as a pedagogical support, information repository and listening space for basic education educators. Historical documents, interviews with participants of the editorial project and references to the historiography of education and the pedagogical press are used as sources. The analysis of the magazine allows one to understand its strategic role in the mediation between public policies and teaching practices. In addition, its contribution to strengthening the professional identity of Minas Gerais teachers stands out.

Keywords: AMAE Educando Magazine. pedagogical press. teacher training. literacy.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar la actuación de la Revista AMAE Educando, como modelo de prensa pedagógica orientado a la formación de profesores y a la difusión de prácticas educativas en el contexto de Minas Gerais. Fruto de un recorte de investigación desarrollado en el ámbito del Programa Institucional de Becas de Iniciación Científica (PIBIC), el estudio investiga cómo la publicación se consolidó como soporte pedagógico, repositório informativo y espacio de escucha para educadores de la educación básica. Se utilizan como fuentes documentos históricos, entrevistas con participantes del proyecto editorial y referencias de la historiografía de la educación y de la prensa pedagógica. El análisis de la revista permite comprender su papel estratégico en la

¹ Pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

² Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG – Minas Gerais – Brasil – <https://orcid.org/0000-0001-6436-1372> – perribandeira.daniela@gmail.com

³ Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG – Minas Gerais – Brasil – <https://orcid.org/0009-0007-9385-4089> – flaviaabrao@gmail.com.

⁴ Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG – Minas Gerais – Brasil – <https://orcid.org/0000-0003-2377-8176> – lucianoandraderibeiro@gmail.com

mediación entre las políticas públicas y las prácticas docentes. Además, destaca su contribución al fortalecimiento de la identidad profesional de los profesores de Minas Gerais.

Palabras clave: Revista AMAE Educando. prensa pedagógica. formación docente. alfabetización.

INTRODUÇÃO

Criada em 1967 por alunas e docentes do Curso de Administração Escolar do Instituto de Educação de Minas Gerais (CAE/IEMG), a Revista AMAE Educando é um dos mais persistentes exemplos de imprensa pedagógica mineira até a metade da década de 1980, período de tempo selecionado para esta pesquisa. Com uma periodicidade regular e circulação que alcançou as mais diversas regiões do país, a revista consolidou-se como instrumento formativo para milhares de docentes da educação básica, sobretudo aqueles atuantes em municípios do interior de Minas Gerais.

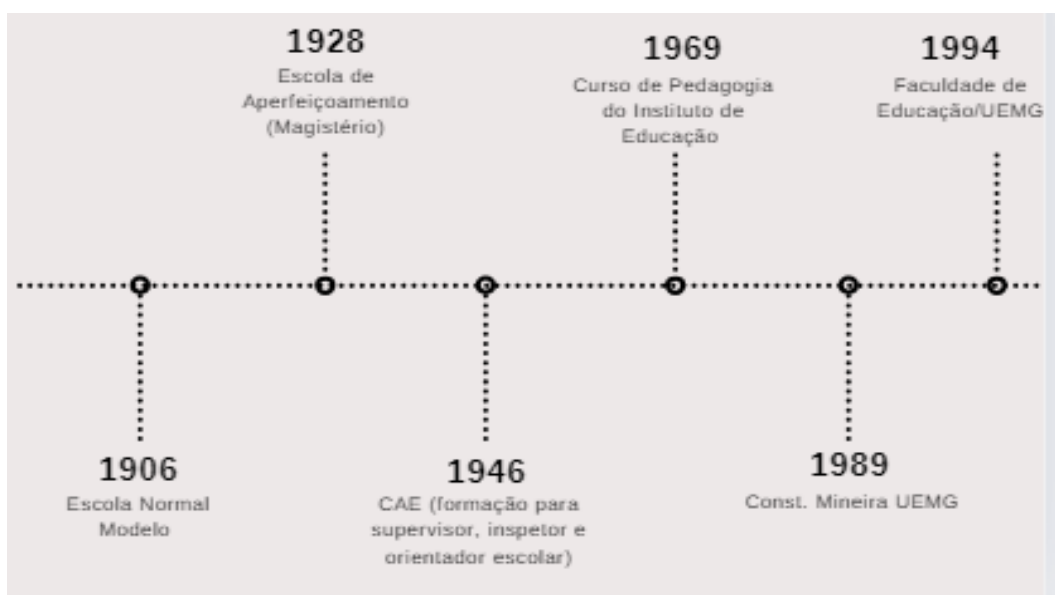
A revista foi publicada por 46 anos (1967-2013), com 400 edições, tendo seu primeiro número lançado em 1967. Conforme explica Carneiro (2007) em sua entrevista com Vera Lúcia Pyramo, editora da revista à época: a longevidade da publicação se deveu à sua capacidade de "acompanhar a evolução das teorias e colocá-las à disposição das escolas", sem perder de vista as demandas cotidianas da sala de aula. As edições contemplavam desde questões ligadas à alfabetização até discussões sobre a legislação vigente, sempre com linguagem acessível e foco na prática pedagógica. Nos seus vinte primeiros anos de existência, não havia um periódico do gênero que cumprisse função semelhante. Só a partir dos anos de 1980, outras revistas voltadas para o professor da educação básica entraram em evidência no mercado editorial brasileiro, como, por exemplo, a revista Nova Escola da Editora Abril⁵.

A Revista AMAE Educando foi idealizada por alunas e docentes do Curso de Administração Escolar - CAE (1946-1969), embrião do Curso de Pedagogia do Instituto de Educação de Minas Gerais - IEMG (1969-1989), que no ano de 1994 foi incorporado à Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG, tornando-se o que é hoje a Faculdade de Educação (FaE/UEMG) (Kulesza, 2019). A seguir, a figura 1 mostra as transformações ocorridas, ao longo do tempo, nos cursos de formação de professores do IEMG.

Figura 1 – TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NOS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO IEMG⁶

⁵A Revista Nova Escola já foi publicada pela Editora Abril, mas atualmente é uma marca da Associação Nova Escola, uma organização sem fins lucrativos mantida pela Fundação Lemann. Disponível em: <https://novaescola.org.br/>. Acesso em 08 de agosto de 2025.

⁶Escola Normal-IEMG: Reconstrução da História da Educação Elementar (MG, 1906-69) Relatório de pesquisa elaborado com apoio do INEP-MEC e coordenado por Maria Inês Coelho, em 1990.



Fonte: produção dos próprios autores.

A educação brasileira passou por diversas transformações entre as décadas de 1960 e 1980, período em que a alfabetização e a formação de professores foram temas centrais nos debates pedagógicos. A Revista AMAE Educando surgiu nesse contexto, como um meio de difusão de práticas inovadoras e formação continuada de docentes.

Nas duas primeiras décadas de sua existência, a revista teve como foco a divulgação de experiências pedagógicas, orientações metodológicas, legislação educacional e propostas de planejamento escolar. Havia uma preocupação central em manter contato com as professoras do interior que tinham muita carência de material didático e orientações teóricas.

Como a Revista AMAE Educando se consolidou como suporte pedagógico, repositório informacional e espaço de escuta para as professoras? Para responder essa pergunta, apresentaremos a história da criação da revista; o esforço e a resistência das idealizadoras para a conquista de um espaço na imprensa pedagógica e para difusão no estado de Minas Gerais e no Brasil.

Neste trabalho, utilizaremos sempre o gênero feminino para fazer referência às professoras alfabetizadoras. No Brasil, a feminização do magistério começou a ocorrer no final do século XIX, segundo Guacira Lopes Louro (2004). E até os dias atuais, as professoras predominam em todas as etapas da educação básica. Na educação infantil, elas são praticamente a totalidade de quem educa⁷.

⁷<https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/institucional/professoras-sao-79-da-docencia-de-educacao-basica-no-brasil>

No final do século XIX, percebe-se que as escolas normais estavam recebendo mais mulheres do que homens em várias regiões do Brasil, o que segundo Louro (2004, p. 376) “deu origem a uma feminização do magistério, fato provavelmente vinculado ao processo de urbanização e industrialização que ampliava as oportunidades de trabalho para os homens”.

Para justificar a saída dos homens da sala de aula para se ocuparem de outras funções mais rentáveis, outro discurso também surgiu que “afirmava que as mulheres tinham por natureza uma inclinação para o trato com as crianças, que elas eram as primeiras e naturais educadoras, portanto, nada mais adequado do que lhes confiar a educação escolar dos pequenos” (Louro, 2004, p.377). Este foi, então, o argumento perfeito para vincular o magistério a uma atividade tipicamente feminina de amor e entrega, como uma vocação ou extensão da maternidade. Outro ponto importante é que na falta de professores regentes para meninos, estes cargos começaram a ser passados para professoras habilitadas na Escola Normal.

Além disso, para as mulheres, a função de professora representava uma opção de trabalho fora de casa que não poderia se sobrepor a sua função de esposa e mãe. Por isso, os salários para as professoras eram baixos, já que seriam somente um pequeno complemento, pois o sustento da família era de responsabilidade do marido.

Segundo Louro (2004), devido a todas essas questões, as escolas normais se tornaram prestigiadas instituições de ensino, com o surgimento de institutos de educação pelo Brasil, que ofereciam cursos e especializações para professoras primárias, absorvendo uma clientela de mulheres socialmente privilegiadas, que almejavam uma meta mais alta de estudos. Assim, a posição de professora foi produzida e consolidada na sociedade brasileira.

A HISTÓRIA DA REVISTA AMAE EDUCANDO

Para ampliar o conhecimento sobre a trajetória da revista no cenário educacional mineiro, foram realizadas entrevistas com duas figuras centrais em sua criação: Íris Barbosa Goulart⁸ e Scyomara Ribeiro de Almeida⁹. A primeira entrevista contou com a participação de Íris Barbosa Goulart¹⁰, que esteve envolvida na fundação da Associação Mineira de

⁸A professora Iris Barbosa Goulart foi Diretora Geral do Instituto de Educação em Belo Horizonte. Lecionou na Faculdade de Educação da UFMG. Foi chefe do Departamento de Psicologia, membro da Câmara do Departamento de Psicologia e do Comitê Assessor da área de Ciências Humanas da Pró-reitoria de Pesquisa da UFMG. Em sua gestão enquanto Subsecretária de Educação do Estado de Minas Gerais criou a Casa de Referência do Professor. (<http://lattes.cnpq.br/2363954943956415>).

⁹Scyomara Ribeiro de Almeida foi aluna do CAE; idealizadora da Associação Mineira de Administração Escolar (AMAE) e da revista. Foi diretora da Revista AMAE Educando nos dez primeiros anos de sua publicação e depois continuou seu trabalho ocupando diferentes cargos como secretária e membro do Conselho superior da revista. Promoveu vários cursos de aperfeiçoamento da AMAE e palestras.

¹⁰Entrevista realizada em setembro de 2023.

Administração Escolar (AMAE) e posteriormente afastou-se para assumir outras funções profissionais. Já na segunda entrevista, conversamos com Scyomara Ribeiro de Almeida¹¹, uma das principais responsáveis pela criação da AMAE e pela produção da revista. Essas entrevistas foram essenciais para suprir a escassez de estudos acadêmicos sobre o periódico, conforme evidenciado em revisão bibliográfica.

Galvão e Lopes (2010) destacam a relevância da história oral na pesquisa historiográfica, especialmente quando há carência de registros escritos. Segundo as autoras, "ouvir passou a ocupar um lugar bastante importante na historiografia contemporânea, na chamada história oral. Esse recurso é usado principalmente quando o pesquisador, diante do problema pesquisado, dispõe de poucos testemunhos escritos" (Galvão; Lopes, 2010, p. 75). No entanto, elas alertam para a necessidade de compartilhar o objeto de pesquisa com os entrevistados, evitando que os depoimentos sejam utilizados apenas como ilustração de ideias pré-concebidas. "É preciso que o outro [...] saiba que o interesse não está apenas em realizar o trabalho, mas em desvelar um problema do qual faz parte" (Galvão; Lopes, 2010, p. 76).

Nesse sentido, as entrevistadas tiveram acesso às transcrições e puderam sugerir ajustes. Enquanto Íris Barbosa Goulart não solicitou alterações, Scyomara Ribeiro de Almeida pediu a inclusão do nome de Gilda Pazzini Lodi, que também desempenhou um papel fundamental na condução da revista por mais de três décadas.

Durante a entrevista, ao folhear álbuns de fotos organizados com legendas datilografadas, percebeu-se que trabalhar com as práticas editoriais da AMAE transcenderam o âmbito profissional e influenciaram até mesmo a forma como Scyomara documentava sua vida pessoal. Esse detalhe ilustra o impacto duradouro da revista em sua trajetória.

A pesquisa com fontes orais, conforme defendido por Ferreira e Amado (2006), permite incorporar subjetividades e emoções que enriquecem a análise histórica. No entanto, como destacam Galvão e Lopes (2010), é fundamental questionar os documentos e evitar um olhar acrítico, considerando fatores políticos, religiosos e pedagógicos que influenciaram a trajetória da revista.

Galvão e Melo (2019) reforçam a importância do cruzamento de fontes e do domínio da bibliografia para contextualizar o objeto de estudo. Embora este trabalho não tenha como objetivo uma análise comparativa com outros periódicos da época, a tese de Isabel Frade (2000), nomeada "Imprensa Pedagógica: um estudo de três revistas mineiras destinadas a

¹¹Entrevista realizada em agosto de 2024.

professores”, oferece um panorama valioso sobre a produção editorial mineira, destacando o papel da Revista AMAE Educando na formação docente.

Essas entrevistas, portanto, não apenas complementam a análise documental, mas também revelam nuances históricas que contribuem para uma compreensão mais profunda da revista e de seu legado na educação mineira. Íris Goulart relembra que havia uma intencionalidade clara em produzir conteúdo que pudesse "valorizar o trabalho do professor e mostrar caminhos possíveis para a alfabetização". Suas falas confirmam o compromisso político e pedagógico da revista com a melhoria da educação pública.

Scyomara, ao relatar sobre a criação da revista, nos contou que tudo começou com a criação de uma associação que pudesse dar suporte a professores que, em suas palavras, "tinham muita carência de material didático". Essa iniciativa culminaria na criação da Associação Mineira de Administração Escolar (AMAE) e posteriormente da revista. Apresentamos a história da criação da AMAE a partir das entrevistas dadas por Scyomara e Íris, que participaram efetivamente deste momento.

Eu vim do interior, de uma cidade chamada Cristiano Ottoni, entre Barbacena e Conselheiro Lafaiete. Inicialmente, fui trabalhar na Secretaria de Educação, onde encontrei um serviço que me interessou bastante: as escolas radiofônicas de Minas Gerais. Esse era um programa novo, onde a alfabetização acontecia via rádio. As aulas eram todas preparadas e transmitidas aos alunos, que escutavam lá das suas casas. Foi uma experiência muito interessante. Eu gostava muito dessas novidades. A escola ficava ali na Praça Sete, onde antes funcionava o antigo Banco da Lavoura. Nossa equipe escrevia todas as aulas, que eram transmitidas para cidades distantes, do interior, beneficiando as comunidades locais, ainda mais que ia até Cristiano Ottoni, “meu ninho” era lá. Ah, foi por volta de 1960. Comecei a trabalhar lá por volta de 1959 ou 1960. Na época, eu já sentia que queria aprender mais e acabei indo fazer o Curso de Administração Escolar no Instituto de Educação, o famoso CAE. Era um curso muito concorrido, mas, felizmente, consegui entrar.

Lá (no CAE) nos organizamos em um diretório estudantil e eu fui eleita presidente. Houve um convite para irmos ao Rio de Janeiro para um congresso¹². Nós: eu, Ana Lúcia Amaral, Íris Barbosa Goulart e outras colegas. Nós fomos para ouvir o professor Theobaldo de Miranda¹³, que era muito famoso. Voltamos muito entusiasmadas com esse congresso, vimos coisas novas e resolvemos convocar professores daqui (BH) e do interior; queríamos ouvir os professores para ver se o que eles falavam combinava com

¹²I Congresso Brasileiro de Ensino Normal - Guanabara (1966). O convite veio do professor Amaral Fontoura, do Rio de Janeiro.

¹³“Sua trajetória revela seu engajamento político filosófico nas causas da educação onde por quase quatro décadas (re)produziu manuais escolares destinados à formação de professores. Identifica-se em sua obra uma cultura baseada nos princípios católicos, porém sem refutar o ideal pedagógico advindo dos movimentos educacionais contrários a sua concepção de educação. Fazendo assim uma abordagem católica de ideais renovadores unindo religião e ciência”. Disponível em: <http://pensaraeducacao.com.br/o-intelectual-theobaldo-miranda-santos-memoria-a-historia-da-educacao/> Acesso em 28/10/2024

as ideias do congresso. Não é que nós mandamos um convite pelo Jornal Minas Gerais? Não me lembro bem como foi essa campanha. Mas chegaram mil professores para esse encontro. E desse tumulto todo pensamos em fazer uma associação. Percebemos a necessidade de manter contato com os professores do interior, que tinham muita carência de material didático e orientações. Achamos que a solução era criar uma associação. Assim, nasceu a ideia de criar uma associação mineira de ação educacional – AMAE – que começou apenas com alunas e depois incluiu professores do Instituto de Educação: professor Raymundo Nonato, Lenita de Oliveira, Leda Lourenço¹⁴, que era do Rio de Janeiro, mas vinha muito colaborar aqui; era esposa ou filha de “um tal professor Lourenço do Rio”. Lá no Rio ele era estrela, por isso é que nós viemos com “muito corda” e “fez ferver a coisa”. Eu tinha 26 anos na época! Com aquela vontade de fazer alguma coisa! (Scyomara, 2024)

Em 1966, após participar com Íris Barbosa Goulart e outras colegas do I Congresso Brasileiro de Ensino Normal, no Rio de Janeiro, elas voltam muito entusiasmadas e também decidem realizar um encontro no IEMG, com apoio do professor Raymundo Nonato¹⁵: *“vimos coisas novas e resolvemos convocar professores daqui (BH) e do interior; queríamos ouvir os professores para ver se o que eles falavam combinava com as ideias do congresso”* (Scyomara, 2024). Diante desse entusiasmo e orientadas pelo professor Raymundo Nonato Fernandes, diretor geral do IEMG à época, elas fizeram uma propaganda pelo Jornal Minas Gerais convidando as professoras para um encontro no IEMG. Nas palavras de Scyomara:

[...] chegaram mil professores para esse encontro. Os corredores do Instituto de Educação ficaram lotados e nós éramos apenas alunas... Até na cantina formavam-se grupinhos para ouvir o pessoal que veio. A gente não tinha nem material próprio, mas deu certo. E desse tumulto todo pensamos em fazer uma associação. Percebemos a necessidade de manter contato com os professores do interior, que tinham muita carência de material didático e orientações. Achamos que a solução era criar uma associação. Assim, nasceu a ideia de criar uma associação mineira de ação educacional – AMAE – que começou apenas com alunas e depois incluiu professores do Instituto de Educação[...] como esse evento atraiu muita gente, cerca de mil pessoas, o movimento chamou atenção das autoridades. Eu e o professor Raymundo acabamos sendo chamados ao DOPS para esclarecer o que estávamos fazendo. “Passaram a mão” na gente lá e ficamos um dia lá no DOPS. Eles achavam que havia algo subversivo no que fazíamos. Custamos a provar que não estávamos fazendo nada. A gente nem estava sabendo do que acontecia na política. Não foi por causa da política que a gente estava reunido, mas parece que a cabeça da gente já fica mexida, dá uma

¹⁴Leda Lourenço é nora de Lourenço Filho.

Informação disponível em: <https://books.scielo.org/id/3nj6v/pdf/mortatti-9788568334362-12.pdf> Acesso em 28/10/24.

¹⁵Falecido em 2020. Professor adjunto de Filosofia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), foi titular da cadeira de Filosofia no Instituto de Educação de Minas Gerais (IEMG), onde foi diretor e criou o Curso de Pedagogia, em 1970. Na Associação Mineira da Administração Escolar foi membro do Conselho Superior e diretor da Revista AMAE Educando/MG. Foi inspetor do Conselho Estadual de Educação e reitor da Fundação Universitária Mineira de Artes. Foi sócio do Centro de História da Medicina da UFMG e associado efetivo da Arcádia de Minas Gerais. Participou de vários congressos internacionais na área de educação, chegando a chefiar a delegação brasileira em encontros promovidos pela Organização dos Estados Americanos em Washington e Paris. Disponível em <https://www.ihgmg.org.br/> Acesso em 16/11/2000.

influenciuzinha. Após as explicações, conseguiram entender que o movimento era apenas um esforço para melhorar a educação. (Scyomara, 2024)

A princípio a Associação era especificamente do CAE, como pontuou Scyomara, mas o nome da AMAE, segundo Frade (2000), foi se tornando conhecido porque a equipe de professores/as e alunas deslocava-se para o interior de Minas Gerais ministrando cursos chamados de “Jornadas Pedagógicas”. A equipe tratava com afinco a questão da alfabetização e temas afins como evasão e repetência escolar.

A REVISTA COMO IMPRENSA PEDAGÓGICA

Segundo Frade (2000), a imprensa pedagógica deve ser compreendida como um circuito comunicativo em que editoras, autores e leitores produzem significados educacionais, modelando saberes, estilos de ensino e formas de intervenção docente. A Revista AMAE Educando inseriu-se nesse circuito com autonomia, comprometimento e forte adesão dos profissionais da educação.

A imprensa pedagógica contribuiu para a aproximação dos sujeitos com o escrito, no presente caso, a aproximação das professoras do interior de Minas Gerais com todo o material que era produzido e mimeografado para a realização das Jornadas Pedagógicas.

Figura 2 – PRIMEIRA JORNADA PEDAGÓGICA DA AMAE (1966)



Fonte: Arquivo da AMAE – Biblioteca Bartolomeu Campos de Queirós.

As Jornadas consistiam em encontros de formação no interior de Minas Gerais em que docentes e alunas do CAE promoviam através da AMAE. Esses materiais precisavam circular entre as professoras do interior que participavam dos encontros. Esse foi um dos motivos que levou à produção da Revista AMAE Educando, segundo Scyomara:

Nós fizemos esse encontro em 1966 (ano de criação da AMAE) e no ano seguinte foi convocada a turma e elas (professoras) sentiram falta de uma comunicação com elas, que elas pudessem ler. Em um desses encontros, veio a ideia de criar uma revista.

A primeira edição foi um desafio porque não tínhamos verba para custear o projeto. Então, tive a ideia de começar com uma publicação pequena, que fosse acessível. Mas nós estávamos loucas querendo ver a coisa acontecer! Minha prima, Sônia Fiuza, que era uma excelente professora de matemática, ajudou muito. Ela permitiu que usássemos o material dela, que abordava operações básicas como adição e subtração. Imprimimos uma quantidade pequena, talvez uns cem exemplares, e vendemos todos rapidamente. Esses livrinhos tiveram uma ótima saída, os exemplares sumiram imediatamente. Nós assustamos muito! Então decidimos continuar. Com o lucro das vendas, fomos aumentando a tiragem até conseguirmos dinheiro suficiente para lançar a primeira edição oficial da revista. Eram feitos de forma muito simples, no mimeógrafo, mas atendiam a uma demanda grande dos professores.

Com o retorno das vendas, conseguimos financiar a primeira edição da revista, que era montada manualmente com recortes e colagens. O pai de alguém, que não me lembro mais, trabalhava com gráfica e ajudou na primeira edição. A revista era toda particular, não era ligada ao Estado, “era das meninas”. Depois chegou a um ponto de muita amizade com o Estado. O Estado quis muito. Dava muita força.

Então, no início, era um projeto tocado por nós. Só mais tarde o Estado passou a apoiar oficialmente, mas no começo, contávamos apenas com nossos próprios recursos e esforço. Tivemos até o apoio de uma gráfica, a Alterosa, que, vendo nosso empenho, cobrou o mínimo para a produção da primeira edição. Nós fizemos a revista com tudo colado, batido à máquina. Depois de um tempo, meu marido, que trabalhava na imprensa, ajudou muito na diagramação e na produção.

Mas quando chegamos com a nossa primeira versão colada, o dono¹⁶ da gráfica Alterosa disse: “- Vocês são loucas!” “- Duvido que vá dar certo. Eu vou dar uma remessa de graça porque sei que vocês não vão chegar à terceira”. Eu disse: “- olha, escreve isso aí...” Eu fico até arrepiada, só de contar, nós fizemos várias edições. A revista número um foi ficando um “bagaço” de tantas edições. Cada tiragem eram mil exemplares. Todo mundo queria. (Scyomara, 2024)

Interessante observar que antes da publicação da Revista AMAE, a Associação contou com apostilas mimeografadas com conteúdos de matemática. Percebe-se que havia uma necessidade de materiais para se trabalhar em sala de aula. Todos os conteúdos das Jornadas Pedagógicas passaram a ser publicados para que as professoras tivessem acesso.

Inicialmente, a Revista AMAE era vendida no próprio Instituto de Educação. Depois, segundo Scyomara, a equipe conseguiu um vendedor que começou a comercializar a revista até

¹⁶Carlos Alberto Rangel Proença – diretor da Editora Alterosa.

para o interior. Ele cuidava das assinaturas, e para o momento ele foi um parceiro importante: Ele “explodiu vendendo a revista”. Depois a equipe assumiu as assinaturas para conhecerem o perfil dos assinantes. Mais tarde, a distribuição foi realizada por representantes¹⁷ e, segundo Scyomara, chegou a circular em Portugal também.

Eu consegui para nós a passagem para ir a Portugal porque minha mãe era amiga do dono da TAP (Transportes Aéreos Portugueses) e nós pagaríamos com 40% de desconto. Para nós foi muito importante essa viagem. Já a estadia era por conta deles. Enquanto as duas que foram comigo davam palestras, o diretor da escola queria saber como adquirir a Revista. Então foi dando certo. A gente era meio atirada, acho que era a idade, né? (Scyomara, 2024)

De posse das assinaturas, a equipe da AMAE conseguiu definir o perfil do seu público e lançou em junho de 1975 um suplemento de duas páginas com esses dados. O resultado desse estudo foi encontrado junto aos documentos da AMAE deixados aos cuidados da Biblioteca Bartolomeu Campos de Queirós¹⁸ e não nas revistas. A questão posta foi: “Quem é esse público que sempre permitiu a AMAE Educando a tiragem média de 5000 exemplares por edição?” (suplemento: Perfil do leitor, 1975). Os dados que compõem o perfil foram extraídos diretamente dos fichários dos assinantes.

O grande público assinante da revista era composto por professoras de escolas de 1o grau, com idade superior a 30 anos. O fato da revista ser colecionável e ter um conteúdo frequentemente revisto, isto é, era uma revista de consulta para as professoras, nos faz pensar sobre o papel que assumia de apresentar prescrições sobre: como fazer; o que utilizar; o que dizer; como avaliar. Tais aspectos vão ao encontro das necessidades das professoras diante do pouco acesso a materiais didáticos que pudessem favorecer a prática em sala de aula.

As publicações da Revista AMAE Educando apresentavam seus conteúdos pedagógicos através de gêneros textuais como: artigos, documentos oficiais, reportagens, planos de aula e entrevistas que direcionados ao seu principal público leitor - as professoras do primeiro grau - traziam uma visão atualizada e crítica das inovações no campo da teoria pedagógica e das metodologias de ensino nas áreas de Psicologia, Linguagem, matemática, Ciências Naturais, Estudos Sociais, Estudo Religioso, com algumas variações, tais como Organização Escolar e Ensino Emendativo (Educação Especial).

Quanto à sua materialidade, de modo geral, os exemplares da revista, publicados entre as décadas de 1960 e 1980, apresentam-se com capas coloridas, representadas por desenhos da

¹⁷Liderlivros Distribuição, Editoração e Representação LTDA. e Lancer Comércio e Representações LTDA.

¹⁸A Biblioteca Bartolomeu Campos de Queirós é conhecida em Belo Horizonte como Biblioteca do Professor e fica localizada em um anexo da Secretaria de Educação de Minas Gerais.

artista responsável pela arte da revista – Ivanda Bottrel - alternando-se, poucas vezes, com fotos de crianças, professoras e salas de aula. Em seu interior, o uso intenso de figuras representativas, desenhadas pela mesma artista da capa, estava de acordo com o tema tratado e os textos eram datilografados distribuídos em duas ou três colunas. Também havia a presença dos desenhos, quadros, esquemas, fotos. Todo o interior da revista, até dezembro de 1987, última edição que analisamos, era em preto e branco.

A Revista AMAE, até o ano de 1975, circulava basicamente em Minas Gerais, principalmente no interior. Não há, na folha de rosto da revista, a discriminação completa dos municípios assinantes, mas na pesquisa sobre o perfil do leitor, são citadas cidades distantes da capital. No final da década de 1970, a Lancer Comércio e Representações LTDA começa a ser citada, mas não há informações sobre os locais que assinavam a revista. A partir de 1981 até 1987, a Lancer distribuía a revista para os seguintes estados: Amazonas, Bahia, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Paraíba, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e São Paulo.

Um dos principais eixos da revista foi a alfabetização, sobretudo através de temas relacionados aos métodos e problemas de evasão e repetência. Os artigos publicados nesse período abordavam desde o uso de cartilhas até orientações sobre oralidade, leitura e escrita.

A professora Íris Barbosa Goulart, uma das colaboradoras da revista, relata: "Os trabalhos publicados na revista eram orientações para que os professores pudessem dar boas aulas, refletindo os debates mais recentes sobre alfabetização". Tais práticas estão alinhadas ao que Frade (2000) descreve como "textos profissionais", ou seja, materiais direcionados diretamente ao trabalho do professor, que envolvem escolhas editoriais, formas de comunicação e representações sobre o leitor-modelo.

A RESISTÊNCIA E A DIFUSÃO NACIONAL DA REVISTA AMAE EDUCANDO

A história da Revista AMAE Educando atravessa momentos cruciais da educação brasileira e revela sua resiliência frente às transformações políticas e culturais do país. Ao longo de mais de quatro décadas de circulação, a revista manteve-se ativa e coerente com seus princípios, mesmo sem apoio sistemático do poder público.

A análise das entrevistas com educadoras envolvidas em sua criação, como Scyomara Ribeiro de Almeida, permite identificar não apenas a atuação editorial, mas os contextos históricos nos quais a revista se constituiu. A publicação emergiu em plena ditadura civil-

militar, momento em que a imprensa pedagógica independente enfrentava restrições e vigilância. Durante esse período, a revista incluía com frequência conteúdos voltados às festividades cívico-militares, com planos de aula sobre a Inconfidência Mineira e o Descobrimento do Brasil, além de publicações comemorativas ao 31 de março — data oficial do golpe militar, referida nos textos como Revolução. Tais conteúdos revelam as estratégias de adequação necessárias à sua manutenção em circulação.

Durante o período da ditadura, a AMAE Educando adotou uma estratégia cuidadosa para assegurar sua sobrevivência em meio a um contexto que enfraqueceu perspectivas progressistas e valorizou discursos utilitaristas e tecnicistas na educação. A revista manteve sua circulação ao ajustar a seleção temática às exigências políticas do período, publicando conteúdos que dialogavam com as reformas do ensino e incorporavam textos alinhados ao nacionalismo e ao patriotismo, sem, porém, abandonar totalmente seu compromisso formativo com o magistério. Esse equilíbrio permitiu que continuasse presente nas escolas e permanecesse como espaço de orientação pedagógica, ao mesmo tempo em que preservava brechas para a reflexão crítica das professoras que a liam e escreviam.

Apesar disso, a AMAE Educando resistiu aos apelos de comercialização, mantendo-se distante de interesses puramente mercadológicos. Uma evidência marcante desse posicionamento foi a proposta feita por Victor Civita, fundador da Editora Abril, que desejava adquirir a revista¹⁹. Scyomara relata:

Victor Civita [...] fez uma proposta para comprar a AMAE. Mas sentimos que a intenção dele era comprar a revista não para melhorá-la, mas para acabar com ela, pois a revista dele era muito comercial, cheia de propagandas e a nossa não tinha nada de propaganda. Então, recusamos a oferta. Nós tínhamos o lucro só da venda das revistas e conseguimos comprar uma casa para ser sede da AMAE (Scyomara, 2024).

A trajetória da AMAE Educando ganhou força à medida que a revista circulava pelo interior e pela capital, impulsionada pelo trabalho de um representante comercial que, com sua experiência na venda de enciclopédias e materiais didático-pedagógicos, apresentava a publicação de município em município. Ele fez dinheiro com esse movimento e, ao mesmo tempo, ampliou a visibilidade da revista dentro e fora de Minas Gerais, como destacou a professora Scyomara Ribeiro de Almeida. Esse crescimento chamou a atenção do mercado

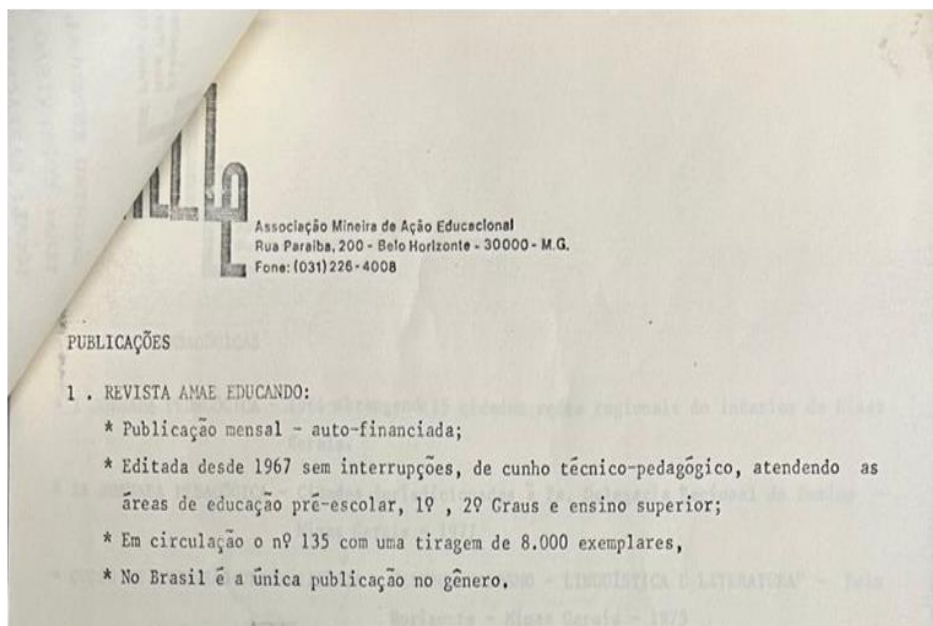
¹⁹De acordo com a pesquisa de Pedroso (1999), a Editora Abril havia publicado antes da Nova Escola uma outra revista de Educação, intitulada Escola, criada em 1971 com o objetivo de atender os professores do 1º grau e ajudar a resolver problemas desse segmento de ensino. Após 27 números, entre outubro de 1971 e abril de 1974, a editora interrompeu a publicação da revista. Em 1986, lançou a revista Nova Escola, durante a chamada “Nova República”, momento em que a democracia política começava a ser implantada no Brasil. (Charnizon, 2008, p. 41)

editorial. A Editora Abril, que desde 1971 tentara consolidar a revista Escola para professores do primeiro grau, sem sucesso, e que só alcançaria estabilidade anos depois com a criação da Nova Escola, viu na AMAE Educando um projeto sólido e bem recebido pelo público docente. Desse contexto surgiu a proposta de compra da revista. Victor Civita apresentou uma oferta, porém, segundo Scyomara, a equipe percebeu que a intenção não era aprimorar o trabalho desenvolvido, mas encerrar sua circulação, já que o modelo editorial da Abril era muito comercial e repleto de anúncios, enquanto a AMAE se mantinha sem publicidade e vivia apenas da venda direta. A proposta foi recusada e, com os lucros obtidos pelas próprias edições, a associação conseguiu adquirir a casa que se tornou a sede da AMAE.

A recusa à proposta da Editora Abril demonstra a convicção da equipe editorial em preservar a identidade da publicação. Mesmo sendo atualmente marginalizada e pouco conhecida dentro da própria instituição que a originou — a Faculdade de Educação da UEMG —, a revista seguiu atuando como espaço formativo e colaborativo, inclusive durante a redemocratização.

A AMAE estava sediada no IEMG e durante o tempo em que esteve lá, não cobrava pelos cursos. Em investigação à documentação deixada aos cuidados da Biblioteca Bartolomeu Campos de Queirós, foram encontrados registro dos cursos, jornadas, palestras e outras atividades realizadas pela AMAE, mas pelo volume de documentos, é possível apresentar em números apenas algumas informações relevantes sobre a importância da AMAE no cenário de Minas Gerais, principalmente na área da alfabetização.

Figura 3 – RELATÓRIO DE ATIVIDADES DE 1967 A 1981 (PRIMEIRA PÁGINA)



Fonte: Documentação da AMAE – Biblioteca Bartolomeu Campos de Queirós.

O relatório dos 14 anos da AMAE apresenta as características e dados referentes à Revista AMAE Educando, que até nessa época era a única publicação do gênero no Brasil. No entanto, é curioso que sua tiragem seja muito modesta diante da grande importância que teve no Brasil, principalmente em Minas Gerais.

Raimundo Nonato, em entrevista à Revista AMAE de agosto de 1986, afirma que as “Jornadas Pedagógicas congregaram mais de 10.000 professoras das quatro primeiras séries do Estado e, principalmente, as de 1ª série, as alfabetizadoras, no combate à repetência que exauria todos os recursos do Estado”. (p.4). As “técnicas” enviadas ao interior deveriam suprir as necessidades de progresso para que “o drama e a tragédia da repetência” pudessem ser combatidos nas classes de 1º ano dos grupos escolares.

Quando a AMAE sai do Instituto de Educação para uma sede própria²⁰, há mudanças nos rumos dos cursos e da revista. Frade (2000) traz essa informação em sua tese.

Só mais tarde, quando houve a necessidade de sair do Instituto e ter uma sede própria é que a equipe passou a cobrar cursos. Mesmo assim, nessa rede de interações que se formou, a revista parece ter-se constituído no principal produto da Associação. Essa série de condições de encontros com professores pode ter sido uma forma de divulgar a revista para além da clientela de egressos do curso. Sua circulação nacional pode ter ocorrido porque vinham alunos de todo o Brasil para o curso de Administração, que podem ter ajudado na divulgação, pela natureza dos encontros, que era nacional e, quem sabe, pela força que Minas Gerais teve na educação nacional. (Frade, 2000, p.65)

²⁰ No número de março de 1986, na última página, há indicação de mudança de endereço da sede da AMAE: Avenida Bernardo Monteiro, 861. No entanto, a propaganda da nova sede só saiu na revista de junho de 1986.

A resistência da AMAE Educando, portanto, não se deu apenas no sentido de sobrevivência material, mas também na afirmação de uma linha editorial própria, adaptada às condições políticas, sem deixar de lado o compromisso com os professores e a educação básica. Conforme analisa Frade (2000), essa autonomia foi uma das marcas da imprensa pedagógica mineira, que se pautou por um profundo compromisso com a educação de base e por estratégias de circulação que envolviam múltiplos agentes.

CONCLUSÃO

A revista AMAE Educando não apenas se consolidou como suporte pedagógico e repositório informacional, como também desempenhou um papel ativo na construção de um modelo de formação docente pautado na colaboração, na escuta qualificada e na divulgação de experiências escolares comprometidas com a realidade educacional brasileira. Ao longo de sua trajetória, especialmente nos primeiros vinte anos (1967–1987), a publicação consolidou-se como espaço de circulação de saberes e práticas pedagógicas, dialogando com os desafios históricos enfrentados pela escola pública e por seus profissionais, tornando-se espaço de escuta para professoras através da seção de cartas do leitor.

Este artigo é parte de um estudo documental mais amplo, alicerçado na análise de 192 exemplares da revista, isto é, duas décadas de publicação (1967 a 1987). Inserido no campo da História da Educação, este trabalho lançou mão de fontes impressas e entrevistas orais com educadoras que integraram a equipe editorial da revista, resgatando, assim, memórias, sentidos e usos atribuídos ao periódico por seus próprios agentes de produção e recepção.

A análise das estratégias editoriais e discursivas da AMAE Educando permitiu identificar conteúdos recorrentes, o predomínio de textos prescritivos, a acessibilidade dos textos teóricos e as marcas da Reforma do Ensino de 1971²¹ sobre a seleção temática da revista.

Ao dar voz a educadoras como Íris Barbosa Goulart e Scyomara Ribeiro de Almeida, o artigo buscou evidenciar a centralidade dos sujeitos históricos que fizeram da Revista AMAE Educando um espaço de resistência pedagógica, mesmo em meio a pressões políticas e comerciais. Como afirma Scyomara, diante da proposta da Editora Abril: “sentimos que a

²¹ A Reforma do Ensino instituída a partir da promulgação da Lei 5692/71 foi tema de vários números da revista a fim de tornar todas as mudanças na estrutura e currículo da educação básica acessível às professoras e demais profissionais da escola.

intenção era acabar com a revista”. A recusa a esse tipo de oferta reforça a autonomia e o compromisso social que pautaram a publicação por décadas.

Ao reunir e analisar duas décadas de circulação da AMAE Educando, o estudo contribui para compreender como a imprensa pedagógica mineira ofereceu subsídios concretos ao campo da alfabetização e da formação de professores, especialmente ao difundir orientações metodológicas acessíveis, relatos de práticas e debates sobre políticas educacionais que moldaram o cotidiano escolar. Os materiais examinados revelam modos de ensinar que dialogavam com os desafios da época e que ainda hoje ajudam a iluminar discussões sobre letramento, currículo e profissionalização docente. A pesquisa também abre caminhos para investigações futuras, como o mapeamento comparado de outras revistas pedagógicas regionais, o estudo das redes de circulação desses impressos pelo interior do país, a análise das contribuições da AMAE para debates contemporâneos sobre alfabetização e a continuidade da escuta de educadoras e educadores que foram leitores ou colaboradores do periódico, ampliando a compreensão de sua influência nas práticas escolares brasileiras.

A trajetória da revista oferece subsídios valiosos para o entendimento do papel formativo da imprensa pedagógica na história da educação mineira. Seu legado é um exemplo de como os impressos educacionais podem atuar como mediadores na formação docente e como registros históricos sensíveis às tensões e disputas próprias de seu tempo. Em tempos de desafios educacionais renovados, resgatar a história Revista da AMAE Educando é também lançar luz sobre as possibilidades de construção coletiva de saberes pedagógicos ancorados na escuta, na experiência e no compromisso ético com a escola pública.

REFERÊNCIAS

1. BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 12 ago. 1971.
2. CARNEIRO, Aparecida. **AMAE – 40 anos Educando**: Entrevista com Vera Lúcia Pyramo Costa Pimenta, 2007. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/atelaotexto/revistatxt6/entrevista_amae.html Acesso em 23 de agosto de 2023.
3. CHARNIZON, Ana. **A modelagem de leitores e de leituras no discurso midiático da revista Nova Escola**. Belo Horizonte: UFMG, 2008. 180f. Dissertação (mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

4. COELHO, Maria Inês M. et al. **Escola Normal-IEMG: Reconstrução da História da Educação Elementar (MG, 1906-69)** Relatório de pesquisa com apoio do INEP-MEC. 1990.
5. FERNANDES, Raymundo Nonato. **AMAE ano 20**. [Entrevista concedida a] Gilda Pazzini Lodi e Scyomara Ribeiro de Almeida. Revista AMAE Educando, Belo Horizonte, n. 181, p. 2-6, agosto de 1986.
6. FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina; PORTELLI, Alessandro. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.
7. FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Imprensa pedagógica: um estudo de três revistas mineiras destinadas a professores**. Tese (Doutorado em Educação) – UFMG, Belo Horizonte, 2000.
8. GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Território plural: a pesquisa em história da educação** - 1. ed. São Paulo: Ática, 2010.
9. GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; MELO, Juliana Ferreira. Análise de impressos e seus leitores: uma proposta teórica e metodológica para pesquisas em história da educação. In: VEIGA, Cynthia Greive; OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de (orgs). **Historiografia da educação: abordagens teóricas e metodológicas** - 1. ed. - Belo Horizonte [MG]: Fino Traço, 2019. p. 223-259.
10. KULESZA, Wojciech Andrzej. **A Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte**. Curitiba, Appris. 2019.
11. LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORI, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 443–479.